



GEOGRAFIA E MÚSICA: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E ESTÁGIO ATUAL DAS PESQUISAS SOBRE MÚSICA NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Nelson Rodrigo Pedon ¹

RESUMO

A presente proposta tem como objetivo realizar uma análise da forma pela qual a música vem constituindo um objeto de estudo na Geografia brasileira. Entendida como expressão cultural, a música possui uma dimensão espacial que vem se constituindo como temática abordada pelos geógrafos brasileiros. Originadas e difundidas no tempo e no espaço, a música é um veículo por meio do qual lugares, territórios e paisagens conformam identidades e/ou consolidam diferenças, da mesma forma, pode nos permitir a compreensão de processos e dinâmicas socioespaciais numa perspectiva mais ampla daquela tradicionalmente relacionada à linguagem científica a medida que incorpora uma das manifestações artísticas mais exploradas pela capacidade criativa do ser humano.

Palavras-chave: Geografia, Música, Pesquisa, Bibliografia, Conceitos.

ABSTRACT

Cette proposition vise à réaliser une étude de la manière dont la musique a été un objet d'étude dans la géographie brésilienne. Comprise comme une expression culturelle, la musique a une dimension spatiale qui été constituée comme un thème abordé par les géographes brésiliens. Originaires et diffusées dans le temps et l'espace, la musique est un véhicule à travers lequel les lieux, les territoires et les paysages façonnent les identités et/ou consolident les différences, de même, elle peut nous permettre de comprendre les processus et dynamiques sociospatiaux dans une perspective plus large que traditionnellement liée à langage scientifique car il incorpore l'une des manifestations artistiques les plus explorées par la capacité créatrice des êtres humains.

Mots-clés: Géographie, Musique, Recherche, Bibliographie, Concepts.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre música na Geografia brasileira se desenvolveram nos últimos 30 anos. Em outros países, a música já vinha sendo objeto de pesquisa de geógrafos há mais tempo², na Geografia anglófona, por exemplo, Nash e Carney (1996), depois de analisar a produção

¹ Docente do IFSP - Instituto Federal de São Paulo – Campus de Birigui, nelson@ifsp.edu.br

² Para uma análise bastante completa acerca da forma como a Geografia incorporou a música em seu quadro de interesses científicos ver CANOVA (2012).



geográfica norte americana sobre música, apontam que todo o desenvolvimento do tema na Geografia se ampara em grandes temas e apontam 7 deles: a. origens e distribuição de instrumentos e regiões musicais (desenvolvido por musicólogos e folcloristas); b. distribuição de tipos musicais no mundo; c. análise da localização das atividades musicais, com enfoque mais pontual; d. relação entre música e seu lugar de origem, neste enfoque situa-se os estudos que valorizam o vínculo da música com a identidade dos grupos e nações; e. enfoques que privilegiam os processos de desenvolvimento técnico e sua influência na difusão de certos estilos; f. o impacto da música nos campos político, social e econômico e a g. *Global Music*.

Lily Kong (1995) defende a ideia de que cultura popular é uma fonte inesgotável de consciência popular. A autora argumenta que a Geografia Humana, desde sua gênese, por conta de sua proximidade com o Estado e suas políticas públicas, fundamentou-se no preceito iluminista científico e privilegiou a visão no campo dos sentidos/percepções do corpo humano capazes de chegar às impressões verdadeiras. Korg (1995) nos mostra que não existe uma sociedade em que não haja música, ela está presente no cotidiano das pessoas, mesmo que servindo apenas como “trilha sonora” para atividades como trabalho, as compras no supermercado, atividades esportivas, de lazer, cerimônias, rituais religiosos. Quer dizer que a música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares.

Na França, no início do século XX, o livro *La géographie musicale: une science nouvelle*, escrito por Georges Gironcourt³ em 1923, foi apresentado como uma importante iniciativa. O autor propõe um campo de estudos geográficos que teria na música seu objeto principal. Mesmo havendo um importante debate na França à época sobre as pretensões de Gironcourt, é bem provável que ele tenha sido o primeiro a empregar a expressão “Geografia da Música” (ou Geografia Musical) ao fazer referência à relação entre a manifestação musical de comunidades e sua espacialidade, mesmo que numa perspectiva muito influenciada pela Etnomusicologia. No texto, o autor defende uma Geografia da musicalidade, na qual deveriam ser estudadas as formas musicais através do espaço e do tempo, tornando possível, assim, a compreensão da dinâmica espacial das sociedades.

No Brasil os estudos que se desenvolveram na interface entre Geografia e Música se desenvolveram com maior vigor na última década. Contudo, na década de 1990 uma publicação marcou o início desses estudos na Geografia brasileira, a dissertação de mestrado de João

³ Para uma importante problematização acerca da novidade trazida pela abordagem de Gironcourt ver a introdução do livro *Ethnomusicology* de Jaap Kunst de 1974.



Baptista Ferreira de Mello, defendida em 1991, no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada “O Rio de Janeiro dos compositores de música popular brasileira 1928/1991: uma introdução à Geografia Humanística” e Mello (1991) na qual o autor desenvolveu os conceitos da corrente humanista em Geografia para o enfoque na música. Ele busca realizar uma interpretação da cidade do Rio de Janeiro sob visão de alguns compositores, no período de 1928 à 1991, dessa forma, a canção é concebida como uma “literatura musicada” (MELLO, 1991, p. 59).

Ao analisar a identidade dos compositores com a cidade, seus laços afetivos, memórias e experiências cotidianas manifestas nas canções, o compositor popular é entendido como um sujeito capaz de apreender e transmitir os mais diversos sentimentos dos indivíduos e grupos sociais, a experiência vivida pelos compositores da música popular brasileira, registrada nos versos de suas canções é a matriz de interpretação do sentimento e do entendimento a cerca da cidade do Rio de Janeiro. Mello (1991) dividiu sua interpretação em eixos ou blocos conceituais, são eles: “lugares de moradia, trabalho, lazer e das ligações físicas/afetivas”; “lugar, amizade e identidade”, “muralhas da natureza, do cotidiano e da imaginação” e “sagração, fantasia e memória dos lugares”, a partir desses foram definidos outros sub-eixos (MELLO, 1991, pp. 11-14).

Mello (1991) introduziu a música popular na Geografia, contribuiu para preencher a lacuna do mundo vivido na literatura geográfica brasileira e, pioneiramente, introduziu-nos os preceitos da geografia humanística ao fornecer um novo quadro analítico para o espaço urbano referenciado na ligação particular entre a cidade e os compositores. Experiência vivida dos autores é concebida como uma ferramenta de trabalho, já que a consciência dos compositores sobre o espaço e o lugar constitui um acervo musical bastante rico de informações sobre a cidade (MELLO, 1991, p. 07)

Ainda na década de 1990, um importante artigo foi publicado por Zilá Mesquita. Mesquita (1997) publicou o artigo “A geografia social na música do prata”, no qual o autor utiliza de uma abordagem muito parecida com a utilizada por Mello (1991), mas tendo como recorte espacial a região do Prata, compreendido pelo sul do Brasil e partes do Uruguai, Argentina e Paraguai. Em ambos os autores, os laços de afetividade que ligam o homem ao lugar são expressos por meio da musicalidade presente nas populações. Importante destacar que no caso de Mesquita, seu artigo não apresenta os resultados de uma pesquisa, sendo apresentado na forma de um ensaio, resultando muito mais numa exposição de ideias e pontos de vista do autor sobre o tema, sem, contudo, demonstrar um reflexo exaustiva tal como conferimos em textos que refletem resultados de pesquisas mais aprofundadas como dissertações e teses.



Posteriormente, outros textos foram publicados na forma de artigos com o mesmo caráter, tais como Castro (2009), com o texto “Geografia e Música: a dupla face de uma relação”; Cardoso (2009), com o texto “A metrópole na linha do baixo: Itamar Assumpção e a Geografia da cidade de São Paulo” e Guimarães (2008) com o texto “Escala geográfica e partitura musical: considerações acerca do sistema modal e tonal”.

O procedimento metodológico a ser destacado neste trabalho é a revisão bibliográfica. A revisão bibliográfica é parte indispensável de um de uma pesquisa, sobretudo em sua fase inicial. Alguns trabalhos apresentam um capítulo especial à essa tarefa, no qual o pesquisador apresenta e discute um conjunto de obras preexistente que serão apropriadas no seu trabalho seja sob a forma de assimilação ou de confronto, dando substância ao quadro teórico (referencial teórico e os conceitos de que o pesquisador irá se valer), assim como, também serve, de ponto de partida para as reflexões do trabalho.

A revisão bibliográfica pode ser um fim em si mesma, nesta perspectiva, ela constitui um importante estudo acadêmico que tem como objetivo levantar e sistematizar diferentes conteúdos que já foram publicados sobre um determinado tema. É importante apontar que o levantamento do material bibliográfico e sua sistematização constituem tarefas distintas, sendo a segunda, um nível mais complexo e que envolve a leitura e reflexão acerca do material levantado.

Segundo Aróstegui (2006; 521-522), é preciso assinalar, logo de início, que qualquer ciência social é *impossível de ser levada a bom termo sem um correto e suficiente apoio bibliográfico*, quer dizer, sem a consulta do aparato preciso da bibliografia científica sobre um determinado tema, à qual é possível ter acesso por meio de repertórios variados, catálogos de bibliotecas, bases bibliográficas informatizadas, entre outros. Para o autor, a revisão bibliográfica permite o entendimento do estado da questão científica em um determinado campo temático e em um determinado momento, sendo ela a primeira e fundamental fonte de informação que permite o *controle imprescindível* para o próprio processo de pesquisa.

Neste trabalho optamos por selecionar teses e dissertações já finalizadas e realizadas junto à programas brasileiros de pós-graduação em Geografia, essa escolha se deu devido ao fato de que, nas ciências sociais, essas pesquisas acadêmicas refletem o *estado de conhecimento* de um determinado tema e uma determinada disciplina e, por fim, em um determinado período.

Segundo Morosinia e Fernandes (2014), *estado de conhecimento* é a identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses,



dissertações e livros sobre uma temática específica, as autoras destacam a importante contribuição dos trabalhos monográficos (teses e dissertações) para a presença do novo.

Em disciplinas e áreas do conhecimento cujo resultado das pesquisas possuem uma rápida evolução, a exemplo das áreas que envolvem um rápido desenvolvimento de conhecimentos práticos, como nas ciências da computação ou engenharias, em geral, e saúde, os artigos publicados em revistas e em eventos científicos podem representar o *estado de conhecimento* de certas temáticas de forma mais atualizada, sendo, portanto, meios de publicações mais relevantes, todavia, nas ciências sociais, adotamos a prerrogativa de que as monografias (teses e dissertações) representam de forma mais atualizada o desenvolvimento de determinado conjunto de pesquisas em determinadas temáticas. Neste caso, temos como alvo a Geografia e a temática da Música.

Ainda de acordo com Morosinia e Fernandes (2014), a atualidade dos estudos pode ser resultado de questionamentos; da aplicação de ideias, métodos, *approaches* ou análises; ou do desenvolvimento ou aplicação de teorias, descrições teóricas ou *approaches* teóricos. Continuando, as autoras ainda destacam como novidade a invenção, o desenvolvimento ou aplicação de métodos, técnicas computacionais ou tecnologias; ou:

[...] da criação, descoberta ou utilização de dados, conjunto de dados, arquivos, informações, fontes ou recursos; ou da aplicação de ideias antigas, métodos, *approaches* ou análises a dados, materiais ou fontes; ou do desenvolvimento ou aplicação de análises, *approaches* analíticos, esquemas técnicos, modelos ou procedimentos estatísticos; da introdução de ideias, conexões, inferências, insights, interpretações, observações, perspectivas; ou da produção de conclusões, respostas, descobertas ou provas; ou da combinação ou síntese de coisas (experimentos, fatos, conhecimentos, modelo de pesquisa, problemas, fontes, tecnologias, construtos teóricos) de outros campos ou disciplinas (LOVITTS, 2007, p.31, apud MOROSINIA & FERNANDES, 2014, p.155).

Para Lakatos & Marconi (1995), a dissertação é um tipo de trabalho científico realizado para obtenção do título de mestre e a tese visa a obtenção do doutorado, todavia, mais do que isso, constituem a base da literatura científica e/ou tecnológica, procedente diretamente de pesquisas e atividades recentes finalizadas ou em execução, metodologias controladas, tiragem limitada, divulgação restrita e difícil acesso, muitas vezes possuem natureza reflexiva, baseada na sistematização, ordenação e interpretação de dados. Em seu conjunto, esse tipo particular de produção bibliográfica busca apresentar a pesquisa inédita e a atual.

Apesar do destaque que é dado às dissertações e teses, tem-se a noção de que estes não constituem nos únicos instrumentos capazes de fazer a ciência avançar. O rico e diversificado



conjunto de material bibliográfico publicado nos congressos, seminários, em revistas especializadas na forma de artigos e livros também são de grande relevância, contudo, não pode se ignorar o fato de que muitos desse conjunto é resultado *a posteriori* de pesquisas de mestrado e doutorado, sobretudo no Brasil, no qual a maior parte da pesquisa científica é realizada nas Universidades.⁴

Para o desenvolvimento deste trabalho, a maior parte do acesso aos trabalhos foi realizada por meio de busca por teses e dissertações no banco de teses organizado e disponibilizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A busca foi feita utilizando os filtros disponíveis (região, área de avaliação, área de conhecimento, Instituição de Ensino Superior, programa, ano e orientador), selecionamos as áreas de conhecimento da Geografia e Geografia Humana e o período de 1987 a 2021. Em seguida criamos um quadro com os títulos e palavras chaves para identificar os trabalhos que apresentavam algum tipo de relação com a música. Posteriormente, foi feita uma catalogação dos trabalhos selecionados seguida de uma busca nos sites das Universidades, criando assim um pequeno banco de teses e dissertações, do total de 60 trabalhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange às pesquisas geográficas em música no Brasil, verificamos que seu maior desenvolvimento se deu nos últimos dez anos, conforme gráfico apresentado à seguir. Sendo 2012, 2016 e 2020 os anos com o maior número de publicações, o gráfico nos permite concluir que há uma irregularidade nas publicações de teses e dissertações representando certa instabilidade no interesse pela temática.

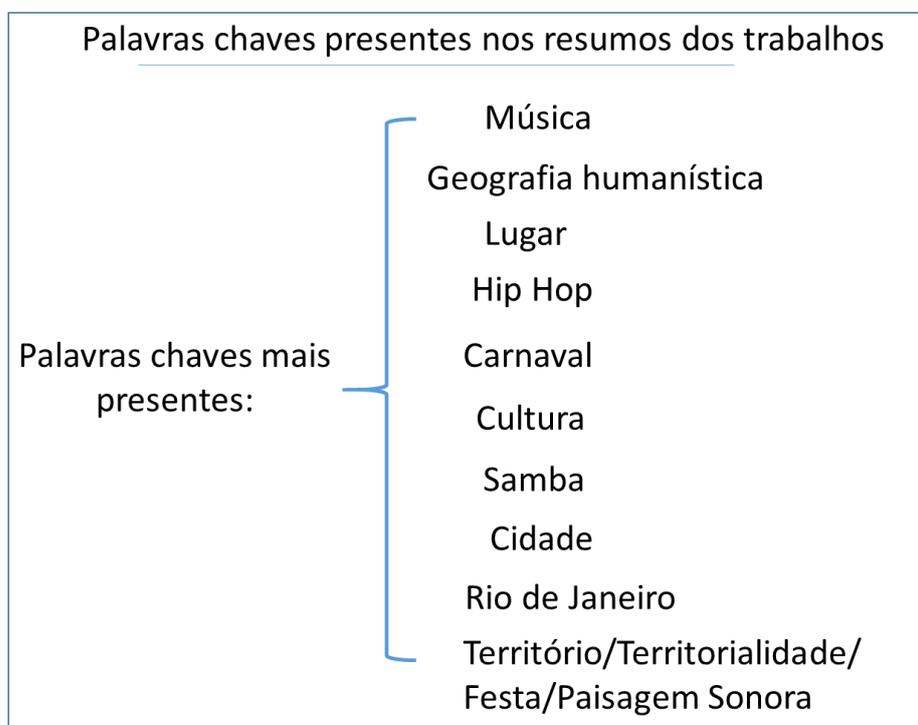
Ao analisarmos os resumos das teses e dissertações, buscamos apontar as principais palavras chaves citadas pelos autores. Apresentamos a figura 01 com o objetivo de facilitar a observação dos resultados dessa pesquisa. As palavras chaves são importantes pois são termos (podendo ser um grupo de termos) que representam os aspectos fundamentais de um tema em um trabalho científico, apesar de ser empregados em outros contextos, ao mesmo tempo, apresentam elementos importantes a respeito da abordagem teórico-metodológica do trabalho. Sua importância também está relacionada com o fato de servirem de ferramentas de busca sobretudo em pesquisas realizadas na internet.

⁴ Ver: MOURA (2019) in: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil> (acessado em 01/10/2021)



Fonte: PANITZ (2017); SOUZA (2013) e CAPES (2021).

Figura 01



Fonte: CAPES (2021).



No caso das pesquisas geográficas em Música, percebe-se que há uma importante identidade dos autores com a perspectiva da Geografia Humanística, abordagem que, na interface Geografia e Música no Brasil, foi inaugurada por Mello (1991), tal como já apontamos. De forma resumida, a Geografia Humanista pode ser concebida como um conjunto de abordagens que ressaltam e valorizam a experiência humana, fundada nos sentimentos e na intersubjetividade que estão na base da compreensão dos sujeitos sobre o espaço que habitam. Assim, tal abordagem é muito importante nos estudos que relacionam a Geografia com as artes em geral.

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano por meio das relações que as pessoas estabelecem com a natureza, assim como dos seus sentimentos e ideias sobre o espaço e do lugar. O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan é uma importante referência dessa abordagem, senão a maior. Para esse autor, cada indivíduo possui uma percepção do mundo que se expressa diretamente por meio de valores e atitudes no meio ambiente, ou, em outras palavras, a Geografia Humanista busca a compreensão do contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona.

O conceito de lugar é uma das mais importantes categorias espaciais da Geografia Humanística, já que, nessa abordagem, o lugar reflete a relação afetiva do homem com o espaço e a pluralidade das experiências que transformam o espaço em lugar. Yi-Fu Tuan adota o neologismo “topofilia” ao apontar que são as vivências pessoais e as experiências íntimas que atribuem substância ao espaço. Tal como em Mello (1991), as canções fazem transparecer um conjunto de sentimentos que vão desde as memórias, nostalgias e valores que subsistem como lembranças do passado e realizações do presente.

Os termos “Geografia Humanística” e “Lugar” aparecem como palavras-chaves importantes nos estudos de Geografia e música, tal fato se dá porque há uma intrínseca relação entre esses conceitos. Essa relação constituiu um dos pilares para o estabelecimento e desenvolvimento da Geografia Cultural, para a qual o espaço (e portanto o lugar, mas também a paisagem) é referenciado não mais apenas como um local contemplado por um observador, mas a partir da percepção de diversas experiências individuais, assim, constata-se que todo lugar possui individualidade e ao mesmo tempo relaciona-se com outros lugares.

No Brasil, os estudos baseados na Geografia Humanista desenvolveram-se a partir da década de 1970, momento no qual trabalhos acerca dessa abordagem são traduzidos e publicados no país, sendo esse movimento responsável, segundo Oliveira (2001, p. 14), pelo desencadeamento de um maior interesse, por parte dos geógrafos, pelo reconhecimento de como as pessoas percebem o seu redor e seu meio.



O Hip Hop e o Samba são duas palavras chaves muito presentes por refletirem gêneros musicais muito estudados por geógrafas e geógrafos brasileiros. Mais do que gêneros musicais, esses conceitos são compreendidos como movimentos culturais que possuem uma intrínseca relação com o espaço. Nesses estudos o conceito de território ganha certo destaque, sobretudo na relação território-rede, uma vez que o território não é tratado como um local no qual um grupo manifesta suas idiossincrasias, mas um espaço com demarcação fluída e com relação com outros contextos (cidades, regiões, estados, países, continentes, entre outros), importante destacar que se tratam de fenômenos com forte conotação urbana⁵.

Território apropriado para a vivência denota um conjunto de apropriações do espaço geográfico que fortalecem uma identificação que utiliza o território como referência, essa territorialidade é a apropriação e o controle dado ao território pelos sujeitos a partir de mediações espaciais de poder que se estendem desde o concreto ao simbólico. Esses estudos que apontam um gênero musical como movimento cultural chama nossa atenção para o uso do território na cidade sob a perspectiva particular dos sujeitos que estão envolvidos com aquele gênero em especial, visto que ele pode ser retratado espacialmente, assim como suas práticas sociais, discursos e representações se territorializam.

Dozena (2009) ao tratar da mudança de algumas escolas de samba de seu lugar de origem e a intensa participação política em suas dinâmicas, afirma que os moradores trazem consigo suas referências firmadas no samba, o que se reproduz na crescente adesão dos moradores aos blocos carnavalescos e escolas de samba. Essa territorialidade permite que o morador forme um espaço de referência mediado pelo samba, ainda que este possa se mudar para bairros distantes do local em que morava anteriormente. Dentro desse conjunto de situações que envolvem uma reterritorialização de suas práticas sociais muitos frequentadores do “mundo do samba” fazem do bairro o lugar para a sua existência libertária na cidade.

Para Dozena (2009) o “mundo do samba” engloba as atividades que tem o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares, casas noturnas especializada, projetos e movimentos de samba e complementa que há duas lógicas, o samba entendido como produto para o consumo com destaque par ao carnaval televisivo, e a do lugar onde frui os vínculos de pertencimento e sociabilidade comunitária (DOZENA, 1991, pp. 26-27).

Torreão (2014) apresenta o Hip Hop como um movimento popular, político e cultural contemporâneo, que tem no espaço das grandes cidades tanto um lócus de inspiração e ação, ao

⁵ Importante destacar que há uma alusão ao samba rural em Dozena (2009).



mesmo tempo em que possibilita uma convergência e agenciamento de elementos de diversos lugares do mundo. O autor busca referências nos aportes da Geografia Humanística de maneira complementar já que essas “geografias individuais” devem ser entendidas no contexto mais amplo da globalização. Nestes termos fica claro que o mais importante para o autor é conceber o Hip Hop como um movimento que se assenta no lugar mas como uma contra-resposta às dinâmicas globais que tentam se impor às cidades, trazendo, inclusive uma importante referência, comum aos estudos de Geografia e Música que não se embasam exclusivamente na abordagem humanística, que é a produção de Milton Santos referente à dialética Global-local e sua produção teórica sobre fixos e fluxos.

Seguindo essa abordagem sociocultural de cunho materialista, Alves (2014) busca compreender a dinâmica socioterritorial de Recife, capital pernambucana, a partir de seu componente musical. Sendo a cidade *lócus* que abriga vigorosas espessuras de fixos e fluxos geográficos organizadas para a produção e a difusão da música. O autor realiza uma operacionalização dessa temática confluindo, analiticamente, no desenvolvimento das noções de “Circuito Sonoro” e “Cena Musical”. Enquanto o “Circuito” propicia uma minúcia do território em seu compasso com o mercado e a economia política da cidade, a “Cena” se aprofunda no mundo vivido, um tecido espacial rico de informações do diverso e do maleável, baseado mais em trocas do que em imposições (ALVES, 2014, p. 05).

A dinâmica do “Circuito Sonoro” recifense implica no uso das ruas, praças, dos objetos e sistemas técnicos de informação - desde rádios até telefones celulares - estúdios fonográficos, emissoras de rádio, satélites de informação, lojas de discos, entre outros. Sua dinâmica engloba o registro material da produção fonográfica, as mediações cotidianas das experiências relacionadas à música, a saber: associações e conflitos, seja na produção do registro sonoro, nos eventos musicais, nas ações de trabalhadores culturais ou nos fluxos informacionais embutidos nos lugares, por meio de um estudo da “Cena Musical” o autor propõe contribuir para o debate sobre as novas possibilidades de comunicação nos lugares.

Essa perspectiva da comunicação entre os lugares também fica evidente no estudo multidimensional que Panitz (2016) realiza das redes musicais no espaço platino. Esse trabalho que constitui um dos mais completos na temática Geografia-Música, tem por objetivo compreender as redes musicais no espaço platino por meio de suas representações e práticas musicais, que resultam num aprofundamento da integração regional pela cultura. Tais representações e práticas musicais contribuem para a recomposição territorial da cultura platina que inclui Argentina, Uruguai e sul do Brasil. As redes musicais em questão são formadas por



trabalhadores/as da música, que incluem artistas compositores e instrumentistas, técnicos/as e produtores/as culturais e musicais dos países supracitados (PANITZ, 2016, p.17).

O autor explora o rico espectro da chamada música popular platina (numa abordagem multidimensional), para ele, esta música consubstancia uma representação de uma integração regional, dando certa forma a um espaço geográfico uno e múltiplo, para o autor, este último conceito abarca distintas categorias operacionais da pesquisa geográfica, como paisagem, ambiente, território, região, lugar. O intercâmbio entre músicos (compositores) uruguaios, argentinos e brasileiros dão forma à um espaço cultural compartilhado proporcionando um hibridismo e um transculturação musical (PANITZ, 2016, p. 19). Dessa maneira, tem se a formação de uma rede de músicos com articulações regionais e globais e com a produção de um espaço platino por meio da música, onde as representações do espaço se traduzem como um núcleo articulador. O autor dá destaque para a milonga, enquanto estilo musical típico da regiões platina e ao sopapo, tambor presente sobre tudo no Uruguai e que é representativo da “re/trans-territorialização” da cultura “afro-sul-riograndens” e “afroplatina” (PANITZ, 2016, p. 298).

Em Torres (2014) e Rayel (2016) temos dois exemplos de trabalhos em Geografia e Música que abordam o conceito de paisagem sonora que, na Geografia brasileira, é tratada na perspectiva humanística com forte apelo à memória dos sujeitos. O conceito de paisagem sonora (*soundscape*) foi difundida pelo compositor e pedagogo Murray Schafer, sobretudo no livro “A Afinação do Mundo”, no qual o autor a define como (...) qualquer campo de estudo acústico (...) Podemos referir-nos a uma composição musical, um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras.” (SCHAFER, 2011, p. 23). No livro citado, o conceito de paisagem sonora tem caráter multidisciplinar, abarcando, de modo geral, a combinação sonora que compõe um ambiente imersivo, contemplando o ambiente acústico natural (biofonia) e o artificial (antropofonia). Contudo, a partir de uma abordagem humanística, o conceito acaba por nos remeter, também, à maneira que um ouvinte percebe e se comunica com o que escuta.

Torres (2014), aponta que as paisagens sonoras atuam na construção e reafirmação de identidades a partir da constituição de paisagens da memória e da imaginação, advindas das experiências de cada indivíduo. Ao estudar a paisagem sonora promovida por uma igreja (denominada Adventista da Promessa), o autor afirma que a paisagem sonora fornece a base da identidade religiosa, por conter no discurso uma doutrina específica, além dos demais elementos que remetem ao sagrado, e nesse complexo estão a forma de cumprimento dos religiosos dessa denominação, o modo de orar, as músicas entoadas no espaço religioso, as manifestações do



sagrado, as pregações etc. Tais elementos da paisagem sonora religiosa podem, portanto, manifestar-se em outros espaços, sempre remetendo à identidade do ser religioso, que contribuem para que balizem suas ações no cotidiano (TORRES, 2014, p.34).

Acerca da relação “paisagem sonora e memória”, Torres (2014) afirma que os sons possuem relação direta com a memória. Ao ouvir determinados sons, ou sequência de sons, uma pessoa pode rememorar momentos vividos no passado. Assim, marcos sonoros como o badalar do sino de uma igreja, o apito do vendedor de picolé, o som do amolador de facas e tesouras, os vendedores ambulantes, o sino de uma escola, o pregão da feira, são exemplos que remetem a lugares específicos que podem estar distantes do espaço onde vive o indivíduo que os experimenta, como podem estar distantes temporalmente da experiência a que é remetido. Isso indica a ação das paisagens sonoras na percepção e na memória das pessoas, e nas imagens mentais que podem fornecer (TORRES, 2014, p. 50).

Em Rayel (2016), temos outro exemplo de estudo da paisagem sonora na perspectiva humanista. Nesse estudo, o autor busca a subjetividade da memória afetiva dos sineiros de Diamantina (MG), por meio da história oral. Rayel (2016), afirma que a escuta da paisagem sonora é uma preocupação daqueles que percebem a importância de habitar a cidade a partir do ouvir, de ter a consciência da repercussão dos sons, de sua aceitação como recurso de interpretação do ambiente. Afirma, ainda, que é essencial o ouvir sensível de uma perspectiva sonora apurada em suas dimensões e interferências, no sentido de aproximar a relação corpórea com o espaço vivido, alterando hábitos que nos comprometem sonoramente, ou seja, o entender o meio pela escuta (RAYEL, 2016, p. 21).

Rayel (2016), cria a expressão “paisagem sineira” e a caracteriza como paisagem sonora, uma vez que representa o espaço acústico no qual a sonoridade transmite significados *naturais, culturais e/ou ecléticos em distintos níveis perceptivos* (RAYEL, 2016, p. 23). Considerando sua pesquisa em Diamantina, ele aponta que essa paisagem sonora nos remete a um lugar de memória sonora, território de identidade musical nacional que permite revisitar outras épocas, na qual a comunicação fluía pelos toques sineiros à comunidade e à divindade. A afetividade entre o sujeito (sineiro) e *os espaços sagrados demonstra uma conexão de vínculos de experiência do mundo vivido no domínio da crença humana, que transcende o microcosmo de interlocução dos campanários* (RAYEL, 2016, p. 23).

Uma característica que vale a pena ser destacada dos estudos de Música em Geografia são as pesquisas que integram o ensino de Geografia. Em Fernandes (2012), Machado (2012) e Teixeira (2020) temos três exemplos de pesquisas monográficas que considera o ensino de



Geografia e sua relação com a Música⁶. As canções são apresentadas como instrumento importante no aprendizado dos conceitos geográficos, dos regionalismos e dos efeitos da globalização nos lugares. Nesses estudos a Música é concebida como um vetor de representações das próprias percepções dos alunos, havendo uma importante valorização dos saberes adquiridos no dia-a-dia. A música possui assim um potencial para romper determinadas barreiras do processo didático-pedagógicas advindos da transposição dos conhecimentos da Geografia acadêmica para a Geografia escolar. Esse processo, calcado na Música, permite uma ressignificação dos conteúdos geográficos, permitindo uma ligação entre os conteúdos geográficos e a vida cotidiana do aluno, sobretudo, na sua relação com o lugar.

Por último, destacamos quais os procedimentos metodológicos estão mais presentes nas dissertações e teses levantadas, são eles: a revisão bibliográfica; interpretação de letras (canções); biografia de compositores; periodização; interpretação de elementos da linguagem musical; mapeamento; análise documental; observação; observação participante; entrevistas e gravações e; produção de mapas mentais. A diversidade de procedimentos reflete a multidimensionalidade da pesquisa em Música na Geografia. Como fenômeno artístico, a Música se relaciona com diversos aspectos da vida social e da cultura, sendo assim, as fontes de dados e informações vão desde a interpretação das letras e suas representações até o levantamento de aspectos da vida de compositores e artistas com o objetivo de relacionar suas vivências, o contexto dessas vivências e o produto artístico musical. As entrevistas e produção de mapas mentais buscam criar um quadro interpretativo das representações e sensações que a música proporciona aos sujeitos. A interpretação de elementos da linguagem musical mostra como as melodias, harmonias, timbres (instrumentos utilizados) e ritmos podem refletir arranjos artísticos provenientes de determinados arranjos locais e, da mesma forma que as letras das canções, são recursos utilizados no processo de criação de representações. A interpretação de elementos da linguagem musical exige do pesquisador certo conhecimento técnico da linguagem musical, tal exigência pode atuar no sentido de dificultar a adoção desse procedimento nas pesquisas geográficas em Música.

⁶ Essa temática está muito mais presente em artigos, ensaios e resenhas, que apresentam experiências didáticas mas não resultam de pesquisas monográficas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os processos e dinâmicas sociais da vida por meio da Música é o objetivo mais geral que podemos destacar desse conjunto de trabalhos que vêm sendo realizados na Geografia nacional sobre a Música. Refletir sobre essa produção nos ajuda a entender a complexidade da experiência da vida cotidiana presentes em canções e na diversidade de criações musicais. Reconhecer a forma pela qual nós pesquisadores nos apropriamos de uma agenda de pesquisa que tem numa manifestação artística seu objeto nos permite uma melhor compreensão de como se dá as apropriações e representações simbólicas do espaço e das diversas formas de colaboração e organização social. A Música revela a existência dessas racionalidades que podem contribuir para a reflexão sobre a sociedade e seu espaço. A diversidade de abordagens e metodologias de pesquisas de forma alguma demonstra uma fragilidade epistemológica, pelo contrário, contribui para a consolidação de um fazer ciência capaz de considerar a emoção presente nas falas cotidianas e a sensibilidade dos artistas na apreensão dos sentidos que orientam uma cultura comum, da mesma maneira, dá relevo à forma pela qual as representações transformadas em músicas revelam apropriações e representações subjetivas do espaço e certas formas de se fazer política.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cristiano Nunes. **O circuito sonoro: radiodifusão FM e produção fonográfica em Campinas-SP**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Instituto de Geociência, Unicamp, Campinas, 2008.
- _____. **Os circuitos e as cenas da música na cidade de Recife: o lugar e a errância sonora**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia). – Departamento de Geografia, Instituto de Geociência, Unicamp, Campinas, 2014.
- CANOVA, Nicolas. **L’imaginaire géographique à l’épreuve du phénomène musical: L’exemple du flamenco en Andalousie**. Thèse (Docteur de Géographie) Français: Université de Grenoble 2012.
- CARDOSO, Eduardo Schiavoni. A metrópole na linha do baixo: Itamar Assumpção e a Geografia da cidade de São Paulo. **Espaço e cultura**, n. 25, p. 31-40, 2009.
- CARNEY, George O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. Lobato. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.



CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 26, 2009, p. 07-18.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia, Literatura e Música Popular. Uma bibliografia. In: **Espaço e Cultura**, n. 03. p. 63-68, 1998.

_____. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, R. Lobato. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 07-16.

CORREIA, Marco Antonio. **Representação e ensino a música nas aulas de geografia: emoção e razão nas representações geográficas**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2009.

COSTA, Alexander J. S. T.; SILVA, José N. da. A geografia presente em canções da MPB e a música inserida no ensino de geografia: considerações e proposta. In: 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. **Anais...**, Vitória: UFES, 2003, p. 392-399.

DOZENA, Alessandro. O samba na constituição do processo de urbanização e conformação de territorialidades na cidade de São Paulo. **Geografia e Pesquisa**, v. 3, p. 93-115, 2009.

FERNANDES, Anedmafer Mattos. **Lugar e o som: estudo geográfico da música guarani – reflexões a partir do ensino**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS: UFGD, 2012.

FUINI, Lucas Labigalini. O ensino da geografia e de seus conceitos através da música. In: **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 38, n. 1, jan./abr. 2013, p. 93-106.

GUIMARÃES, Raul B. Escala geográfica e partitura musical: considerações acerca do sistema modal e tonal. In: ROSENDAHL, Zeny e CORREA, Roberto Lobato (org.) **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 279-296.

KUNST, Jaap. **Ethnomusicology**. Springer Netherlands, 1974.

KONG, Lilily. Popular music in geographical analyses. in: **Progress in human geography**. Vol. 19, 1995, p 183-98.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. rev.e aum. São Paulo: Atlas, 1995.

MACHADO, Carlos Geovani Ramos. **O ensino de Geografia e o Hip Hop**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2012.

MARCELINO, Márcio. M. **Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia). São Paulo: Depto. de Geografia, USP, 20017.

MELLO, João. **O. Rio de Janeiro dos Compositores da música popular brasileira – 1928/1991** – uma introdução à geografia humanística. Dissertação (Mestrado em Geografia), Rio de Janeiro, UFRJ, 1991.



MESQUITA, Z. A Geografia Social na música do Prata. **Espaço e Cultura**, v.03, pp. 33-41, 1996.

MOURA, Mariluce. **Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. In: Ciencianarua.** In <https://ciencianarua.net/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/> (Acessado em 11/04/2019).

NASCH, P.; CARNEY, G. O. The seven themes of music geography. **Canadian Geographer**, v. 40, n. 01, 1996, p. 69-74.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção do meio ambiente e Geografia. In: **OLAN – Ciência & Tecnologia** v.1, n. 2 nov. 2001. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, 2001. p. 14-28.

PANITZ, Lucas Manassi. Redes musicais e (re)composições territoriais no Prata: por uma geografia da música. **Espaço e Cultura**, n. 45. Rio de Janeiro: UERJ, 2019, pp.11-30.

_____. Música popular e (re)composições territoriais: uma discussão teórica a partir do espaço platino. In: **I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro.** Rio Claro: UNESP, 2010, pp. 3206-3224.

RAYEL, R. S. **A Linguagem dos Sinos em Diamantina (MG): rotas turísticas na paisagem sonora.** Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016.

SCHAEFFER, Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: EdUNESP, 2001.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia, literatura e música: o simbolismo geográfico na arte. In: **Revista de Geografia.** V. 30, no. 1, Universidade Federal de Pernambuco, 2013, p. 103-147.

TEIXEIRA, Alison Nascimento. **O rap na geografia: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de geografia a partir da periferia.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG, 2020.

TORREÃO, Rafael Sapiência. **Geografia do Hip Hop na Grande Vitória – ES: o lugar em tempos de globalização.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES: 2014.

TORRES, Marcos Alberto. **Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

VELLOSO, Telma Oliveira Soares. A música no ensino de Geografia: uma ferramenta de ensino e aprendizagem. **Revista Ponto de Vista.** n.9 –vol. 3–2020, p. 01-18.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

WISNIK, José Miguel. **Entre o erudito e o popular**. Revista de História, São Paulo, 157, p. 55-72, 2007.

_____. **O Som e o Sentido. Uma outra história das músicas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.